

Vozes d'África

Castro Alves

Deus! ó Deus! onde estás
que não respondes?

Em que mundo, em
qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te
mandei meu grito, Que
embalde desde então
corre o infinito... Onde
estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me
amarraste um dia Do
deserto na rubra
penedia
— Infinito: galé! ...
Por abutre — me deste
o sol candente, E a
terra de Suez — foi a
corrente
Que me ligaste ao pé...

O cavalo estafado do
Beduíno
Sob a vergasta tomba

ressupino
E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dor
poreja,
Quando o chicote do
simoun dardeja O teu
braço eternal.

Minhas irmãs são
belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas
sombras voluptuosas
Dos haréns do Sultão.
Ou no dorso dos brancos
elefantes
Embala-se coberta de
brilhantes
Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os
cimos do Himalaia...
Ganges amoroso beija
a praia
Coberta de corais ...
A brisa de Misora o céu
inflama;
E ela dorme nos templos
do Deus Brama, —
Pagodes colossais...

A Europa é sempre
Europa, a gloriosa! ... A
mulher deslumbrante e
caprichosa, Rainha e
cortesã.

Artista — corta o
mármor de Carrara;
Poetisa — tange os
hinos de Ferrara, No
glorioso afã! ...

Sempre a láurea lhe
cabe no litígio... Ora
uma c'roa, ora o
barrete frígio
Enflora-lhe a cerviz.
Universo após ela —
doudo amante Segue
cativo o passo
delirante
Da grande meretriz.

.....

Mas eu, Senhor!... Eu
triste abandonada Em
meio das areias
esgarrada,
Perdida marchando em vão!

Se choro... bebe o pranto a
areia ardente; talvez... p'ra
que meu pranto, ó Deus
clemente! Não descubras
no chão...

E nem tenho uma
sombra de floresta...
Para cobrir-me nem
um templo resta No
solo abrasador...
Quando subo às
Pirâmides do Egito
Embalde aos quatro
céus chorando grito:
"Abriga-me, Senhor!..."

Como o profeta em cinza
a fronte envolve, Velo a
cabeça no areal que
volve
O siroco feroz...
Quando eu passo no
Saara amortalhada... Ai!
dizem: "Lá vai África
embuçada
No seu branco albornoz. . .
"

Nem vêem que o

deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia
solitário
Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o
cardo apenas medra
Boceja a Esfinge
colossal de pedra
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas
derrocadas
As cegonhas espiam
debruçadas
O horizonte sem fim ...
Onde branqueia a
caravana errante, E o
camelo monótono,
arquejante
Que desce de Efraim

.....

Não basta inda de dor,
ó Deus terrível?! É,
pois, teu peito eterno,
inexaurível De
vingança e rancor?...
E que é que fiz,
Senhor? que torvo

crime Eu cometi jamais
que assim me oprime
Teu gládio vingador?!

.....

Foi depois do
dilúvio... um
viadante, Negro,
sombrio, pálido,
arquejante, Descia
do Arará...
E eu disse ao peregrino
fulminado: "Cam! ...
serás meu esposo
bem-amado... — Serei
tua Eloá. . . "

Desde este dia o
vento da desgraça
Por meus cabelos
ululando passa O
anátema cruel.
As tribos erram do
areal nas vagas, E o
nômade faminto
corta as plagas No
rápido corcel.

Vi a ciência desertar do

Egito...

Vi meu povo seguir —
Judeu maldito — Trilho
de perdição.

Depois vi minha prole
desgraçada Pelas
garras d'Europa —
arrebatada —
Amestrado falcão! ...

Cristo! embalde
morreste sobre um
monte Teu sangue não
lavou de minha fronte A
mancha original.

Ainda hoje são, por
fado adverso, Meus
filhos — alimária do
universo, Eu —
pasto universal...

Hoje em meu sangue a
América se nutre
Condor que
transformara-se em
abutre, Ave da
escravidão,
Ela juntou-se às
mais... irmã traidora
Qual de José os vis

irmãos outrora
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor! De teu
potente braço Role
através dos astros e
do espaço Perdão
p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu
soluço um grito...
escuta o brado meu lá
no infinito, Meu Deus!
Senhor, meu Deus!!....

São Paulo, 11 de junho de
1868.